

POÉTICA DA RAZÃO
HOMENAGEM
A
LEONEL RIBEIRO
DOS SANTOS

Organizadores

Adriana Veríssimo Serrão
Carla Meneses Simões
Elisabete M. de Sousa
Filipa Afonso
Maria Luísa Ribeiro Ferreira
Pedro Calafate Simões
Ubirajara Rancan de Azevedo Marques



CENTRO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2013

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: **POÉTICA DA RAZÃO**
HOMENAGEM A LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS

AUTOR: Vários

ORGANIZADORES: Adriana Veríssimo Serrão · Carla Meneses Simões · Elisabete M. de Sousa
Filipa Afonso · Maria Luísa Ribeiro Ferreira · Pedro Calafate Simões · Ubirajara
Rancan de Azevedo Marques

EDITOR: © **Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa**, 2013.

Este livro ou partes dele não poderão ser reproduzidos sob qualquer forma,
mesmo eletrónica, sem explícita autorização do Editor e dos Autores.

CAPA: Arco da Velha Design

APOIO: **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Impressão e acabamento: Graficamares, Lda.
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10
4720-608 Prozelos - Amares

Depósito Legal: 368843/13

ISBN: 978-989-8553-29-4



A IMAGINAÇÃO COMO ILUSÃO. APONTAMENTOS PARA O COTEJO RICCEUR/FREUD

Gabriela Castro

Universidade dos Açores

Paul Ricœur é o filósofo contemporâneo que de um modo muito especial conseguiu dialogar com quase todas as correntes filosóficas e interligá-las em questões fulcrais para o pensamento filosófico actual. Uma delas, e aquela que desde 1991 elegemos como nosso quesito principal, é a questão da imaginação. Paradoxalmente é uma temática que o filósofo não desenvolveu. Mas é também aquela que, em nosso entender, subjaz a todo o entrelaçado do seu riquíssimo pensamento nomeadamente no impressionante trabalho sistematizador que faz da obra de Freud, no livro intitulado *De l'interprétation, essai sur Freud*, publicado em 1965.¹

De l'interprétation, essai sur Freud organiza os conceitos e examina, tanto o detalhe como as linhas mestras do pensamento freudiano, pelo comentário de importantes passagens da obra de Freud, de entre as quais salientamos a passagem da teoria da sedução para as teorias que valorizam a fantasia. Nesta obra Ricœur destaca o amor de Freud pelas artes e o seu preconceito contra a religião, sendo nesse amor e nessa rejeição que interceptamos a possível inteligibilidade da imaginação na psicanálise, como ilusão.

Iniciemos o nosso estudo com a seguinte afirmação de Paul Ricœur:

[...] na nossa infância e fazendo-a reviver oniricamente [...] [os símbolos] representam a projecção das nossas possibilidades próprias no registo do imaginário.²

Ricœur, em *La symbolique du mal*, obra publicada em 1960, inicia uma nova fase do seu pensamento: a fase hermenêutica. Nesta fase o símbolo torna-se a pedra angular do seu pensar, integrante da hermenêutica da linguagem, onde o simbolismo cósmico, encontrado no profano, desvela os diferentes sinais eclosivos do sagrado. Essa realidade transforma aquele profano em símbolo integrador de uma linguagem específica, a linguagem capaz de dizer o mal.

Interessante notar que a análise da linguagem e a sua interpretação é também uma preocupação de Freud, na medida em que é o texto do paciente, a sua palavra reveladora do desejo, que é interpretado. Aqui, os pressupostos são estanques. O sentido literal das palavras possui o seu significado e é esse que, na psicanálise, é interpretado pelo analista.

1. Paul RICCEUR, *De l'interprétation, essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965, doravante *IeF*.

2. *IeF*, p. 401.

Nestas sumárias linhas apenas queremos salientar o facto de ambos os pensadores terem sentido a necessidade de se debruçarem sobre a linguagem. Ora, a passagem pela linguagem, nos dois, coloca-nos a seguinte questão: num, como se passa do profano para o símbolo, no outro, como se passa da palavra para o símbolo? Entendemos a possibilidade dessa passagem somente em virtude da imaginação criadora, faculdade sempre presente quando se trata de estabelecer uma ponte entre duas dimensões, mesmo que intuitivamente correlacionadas, porém, analiticamente diferentes.

Na década de sessenta assiste-se à emergência da psicanálise que coloca em crise as dimensões de verdade, de sentido e de criatividade, no Ricœur de então, obrigando-o a uma nova etapa no seu pensamento. Para a alcançarmos debruçemo-nos sobre a suspeita em que a psicanálise colocou a imaginação simbólica.

A hermenêutica da simbólica do mal mostra-nos determinados símbolos e mitos como reveladores do sagrado. A hermenêutica freudiana, segundo Ricœur, apresenta-nos como ilusões³ regressivas e neurotizantes.

Paul Ricœur, seguindo o seu modo característico de filosofar, não optará por uma de entre as duas abordagens, mas antes irá articulá-las, alcançando novos matizes e dimensões, que se revelarão posteriormente na sua obra. Dito de outro modo, e chamando a atenção para uma realidade que entendemos de grande importância, Ricœur estuda Freud porque a psicanálise é para ele um desafio à inteligibilidade da noção de culpa, presente na simbólica do mal. Precisemos, é a culpabilidade que coloca Ricœur na análise do pensamento freudiano, na tentativa de entender a dinâmica que essa noção possui naquele universo e que achega poderia trazer à sua própria compreensão. Centrando-se no símbolo que diz o homem não culpado, mas alucinado, esse simbolismo é entendido pelo filósofo francês com uma “nova possibilidade do problema da interpretação, que não é nem o erro, no sentido epistemológico, nem o embuste, no sentido moral”,⁴ sendo, por isso, identificado pela expressão, *ilusão*.

Existe na psicanálise freudiana uma dialéctica entre força e sentido, ou seja, a psicanálise é uma energia e uma hermenêutica. A psicanálise freudiana é como uma explicação dos fenómenos psíquicos mediante conflitos de força e como uma exegese do sentido aparente, mediante um sentido latente. O ponto de encontro de ambas as perspectivas é precisamente “aquele em que a posição do desejo se anuncia em e por um processo de simbolização”.⁵ Nessa posição do desejo residiria, segundo Ricœur, a possibilidade de passar da força à linguagem, salvaguardando que nem toda a força é reassumida naquela. Assim, a psicanálise afasta-se do positivismo, pois não sendo uma ciência que possa somente assentar “na observação de factos sobre a conduta”,⁶ é também uma ciência hermenêutica, cujo campo de interpretação é a região do desejo.

3. O termo *ilusão* vem pela primeira vez referenciado em *IeF*, na p. 34.

4. *Ibidem*.

5. *IeF*, p. 75.

6. *IeF*, p. 351.

A exegese interpretativa debruça-se concretamente sobre “as relações de sentido entre os objectos substituídos e os objectos originários (e perdidos) da pulsão”.⁷ Ora, isto significa que a imaginação em Freud não está ligada aos processos cognoscitivo-conceptuais, mas é entendida como uma aventura do desejo, nomeadamente uma *ilusão* resultante do cruzamento da psicanálise com a hermenêutica

Contudo, uma questão aflora a nossa mente: na psicanálise, qual a relação entre esses conteúdos manifestados e os conteúdos latentes? Para Freud o sonho é a realização de um desejo reprimido, é a exigência de um impulso reprimido e a resistência da censura do superego. Ou seja, o desejo é o estímulo dos sonhos; a sua realização, o conteúdo dos mesmos. Só que a realização não é real mas ilusória e, se o desejo é proibido, ética ou socialmente, a censura actua deformando e ocultando a sua realização. Este é um dos pontos-chave da psicanálise para estes apontamentos: o que a interpretação deve fazer perante os sonhos é descobrir e reduzir a *ilusão* interiorizando e subjectivando o sentido do mundo, da tradição, dos outros e da própria imaginação criadora.

Como comenta Ricœur em “A Analogia do Sonho”: “[...] é porque no sonho se esconde o desejo que a interpretação deve substituir as trevas do desejo pela luz do sentido. A interpretação é a resposta da lucidez à astúcia”.⁸ Esse desejo realizado no sonho revela conexões com a infância, transformando-nos em crianças, sob o ponto de vista da inteligência e do sentimento. O sonho retira as máscaras que a existência foi colocando na aparência do que somos e descobrindo a *arché* do sujeito. Por isso, em Freud, interpretar implica, também, revelar arcaísmos.

O *analogon* cultural, da realização dos desejos através dos sonhos, é a expressão artística e religiosa, fenómenos culturais capazes de expressarem, tal como os sonhos, uma representação, um imaginário. O imaginário cultural, motivado pelo desejo, introduz-nos numa dinâmica regressiva⁹ que avança mascarada, pois dela não possuímos consciência imediata, e realiza-se alucinatoriamente, na medida em que é uma *ilusão* à qual não corresponde qualquer realidade. Como afirma Ricœur: “a psicanálise vale na medida em que a arte, a moral e a religião são figuras análogas, variantes da máscara onírica. Todo o drama do sonho encontra-se assim generalizado às dimensões de uma poética universal”.¹⁰

A reinterpretação que Freud faz da totalidade das produções psíquicas que ressaltam da cultura justifica o imaginário cultural como *ilusão*, como um modo de escapar, alucinatoriamente, a desejos que não podem ser suprimidos nem satisfeitos directamente. Assim, desde o sonho à arte, passando pela religião e pela moral, a sublimação, a criação de delírios expressos em deuses e obras de arte, com o desejo como

7. *IeF*, p. 351.

8. *IeF*, p. 161.

9. O fantástico no homem, para Freud, consiste num movimento de retrocesso. Um regresso às origens infantis onde tudo se dá e tudo regista.

10. *IeF*, p. 164.

factor dominante que motiva a sua gestação e com a renúncia à sua confirmação pelo real, o que nos revela é o fenómeno da *ilusão*.¹¹ Deste modo, a *ilusão* é a satisfação do desejo alcançada pela imaginação. A pulsão recalçada no inconsciente por um interdito do superego irá procurar a sua satisfação por outras vias. É então que a satisfação directa da pulsão se aliena metamorfoseando-se em imagens que guardam a marca dos estádios da evolução libidinosa da infância.

A imagem torna-se o fantasma, o símbolo de uma causa conflitual que opôs a libido e as contrapulsões da censura do superego. Por esta razão, para Freud, ela é sempre significativa de um bloqueio da libido, isto é, de uma regressão afectiva.

A psicanálise redescobre a importância das imagens e rompe revolucionariamente com o recalçamento e a coerção do imaginário. Porém, aceita a imaginação simbólica e tenta integrá-la na sistemática intelectualista reducionista, onde a simbolização se reduz a um simbolizado sem mistérios.

O caso mais extremo de *ilusão* tratado por Freud é o da religião, e o mais positivo o da arte. Para Freud a religião, tema tratado em *Totem e tabu*, é o conteúdo manifesto do sonho cultural que oculta o desejo latente de protecção e nostalgia do pai. Deus não passa do protector idealizado pela criança que nunca deixamos de ser. Os rituais religiosos são, no entender do *pai da psicanálise*, uma forma de neurose obsessiva e colectiva.¹²

A arte é, por sua vez, a forma de sublimação que Freud aceita sem qualquer reconhecimento de perigo, pois, apesar da criação artística também remeter para a infância, o encanto da criação estética reside no facto de ser uma produção cuja génese não se baseia no retorno do recalçado. A arte é, para Freud, a forma não-obsessiva, não neurótica, da satisfação dos desejos humanos. Convém, no entanto, notar que a interpretação psicanalítica da obra de arte é limitada às suas formas idealizantes. O que Freud faz é um enorme esforço para reconstruir o contexto provável da produção da obra de arte.

A obra de arte tem uma capacidade de duração na medida em que enriquece com novas significações o património dos valores culturais. Em comparação com o sonho que retrocede, a obra de arte projecta-se para o futuro. A obra de arte é assim:

um símbolo prospectivo de síntese pessoal e do futuro do homem muito mais do que um sintoma regressivo dos seus conflitos não resolvidos. Mas talvez esta oposição entre regressão e progressão só seja verdadeira numa primeira aproximação; talvez seja necessário ultrapassá-la, apesar da sua força aparente; a obra de arte põe-nos precisamente na via das novas descobertas relativas à função simbólica e à própria sublimação. O verdadeiro sentido da

11. O conceito de *ilusão* em Freud está bem caracterizado na sua obra *O futuro de uma ilusão*. Aqui o psicanalista expõe como a ilusão nasce do desejo humano. É o desejo que cria a ilusão, porém, o que a distingue exemplarmente é o seu desprezo pela realidade. Para a ilusão pouco importa a sua confirmação ou infirmação pelo real. Ela é a satisfação do desejo, fora da realidade.

12. Para o desenvolvimento deste tema veja-se Sigmund FREUD, "El provenir de una ilusión". In *Obras completas*, XXI. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

sublimação não será o de promover novas significações, mobilizando antigas energias investidas primeiro em figuras arcaicas?¹³

Com estas palavras, Ricœur aponta directamente para a dialéctica arqueologia/teleologia a sugerir implicitamente a enorme força criadora da imaginação artística.

Este paralelo que Freud estabelece entre o sonho e a obra de arte está patente no interessante paralelo que estabelece entre o poeta e a criança. Ambos criam um mundo imaginário, que para eles assume as características de quasi-realidade, apesar de o distinguirem da verdadeira realidade. Aquela é uma realidade ilusória, verdadeira no mundo imaginário, no mundo do *faz de conta* próprio da fantasia. Ora, as fantasias adultas também têm o seu paralelo com o jogo poético ou infantil. Sonho e poesia, sonho e arte são testemunhos da insatisfação humana, permitindo que gozemos as nossas fantasias sem escrúpulos ou vergonha. Assim, a obra de arte representa um prazer onde se descarrega profundos investimentos, pelo que é uma elaboração libertadora, uma cura e não um sintoma.

Falando na globalidade afirmamos que Ricœur indica que a análise do imaginário, em Freud, se faz a partir de uma perspectiva genética, desde que seja entendida como repetição arcaizante: é, no fundo, a história regressiva da *ilusão*. O único imaginário que Freud estuda é o que distorce ilusoriamente a recordação. Os símbolos são assim entendidos como expressão de ilusões regressivas às quais não corresponde qualquer realidade. Esta inteligibilidade, não criadora, mas expressão do encontro regressivo do *Ego* com o *Id*, alimenta o modo como Freud, um dos mestres da suspeita, entende a imaginação na hermenêutica analítica.

Neste contexto, Ricœur propõe o cruzamento da noção de imaginação na hermenêutica da suspeita com a hermenêutica mítico-poética. Assim, estamos perante uma complicada e entrelaçada dimensão da imaginação regressivo-progressiva, expressa na arte.

Esta posição de Ricœur coloca-nos numa situação delicada e exigitiva de uma profunda compreensão: então, qual o sentido verdadeiro da função simbólica? Será o de promover novas significações – progressão, teleologia – mobilizando energias antigas –regressão, arqueologia – investidas primeiro em figuras arcaicas?

A resposta que o filósofo nos faz entender é que, precisamente pelo cruzamento que propõe, se revelam diferentes camadas na própria imaginação. As fantasias psicanalíticas seriam a matéria-prima da imaginação mítico-poética:

Utilizando uma terminologia husserliana, [...] as fantasias exploradas por Freud constituem a *hylética* dessa imaginação mítico-poética. É sobre as fantasias da cena primitiva que o homem 'forma', 'interpreta', 'visa' significações de uma outra ordem, susceptíveis de se tornarem signos [do] sagrado que a filosofia da reflexão só pode reconhecer e saudar no horizonte da sua arqueologia e da sua teleologia.¹⁴

13. *IeF*, p. 176.

14. *IeF*, p. 519.

A imaginação integradora da filosofia da suspeita de Freud tem como função clarificar as fantasias distorcidas. Essa imaginação tem uma 'matéria', que não é as imagens perceptíveis recordadas, mas a matéria ligada aos desejos inconscientes e ao mundo do arcaico. No entanto, apesar deste enraizamento na pulsão, não podemos esquecer que o imaginário acede à expressão pela palavra; a força pulsional é, em boa parte, reassumida na linguagem e é a linguagem interpretativa aquela que alcança a verdade da história do desejo. Por isso, a imaginação regressiva pode ser denominada de dramática. É que ela molda histórias, ela conta histórias do desejo, histórias essas que terão de ser interpretadas. Por conseguinte, em Freud, não existe imaginação pura. Toda a imaginação da psicanálise freudiana está animada por um impulso afectivo e por situações sociais. Em Freud só existe um vestígio de imaginário, na medida em que a imaginação é distorção motivada pelos desejos e pulsões das recordações primordiais, expressas numa *ilusão*.

Concluimos apontando a influência do estudo sobre Freud no desenvolvimento dos trabalhos posteriores de Ricœur. Em nosso entender, o desenvolvimento que a noção de imaginação vai encontrar nas obras posteriores de Paul Ricœur ligadas à inovação semântica da metáfora e da narrativa, e a abertura a uma identidade narrativa, encontra no cruzamento entre a imaginação como *ilusão* e a imaginação mítico-poética o momento originário para a sua compreensão. Na identidade narrativa exposta na trilogia *Temps et récit*, 1983-1985, é necessário desmascarar arcaísmos e recuperar um passado, no presente, capaz de se projectar no futuro.

Referências

- FREUD, Sigmund (1976). "El provenir de una ilusión". In *Obras completas*, XXI. Buenos Aires: Amorrortu.
- FREUD, Sigmund (1996). *O futuro de uma ilusão*. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago.
- RICŒUR, Paul (1988 [1960]). *Philosophie de la volonté: II Finitude et culpabilité: 2. La symbolique du mal*. Paris: Aubier.
- RICŒUR, Paul (1965). *De l'interprétation, essai sur Freud*. Paris: Seuil.